

Não mais pertenço a um tempo que já morre  
neste presente que comigo rui,  
entre o futuro que sem fim decorre  
e o passado que para sempre eu fui.  
Não mais pertenço ao tempo que ainda escorre  
daquilo que de eterno me possui,  
entre a palavra a ser quem me socorre  
e uma matéria a ser quem me conclui.  
Neste presente a ser de outro caminho,  
por onde vou de novo em mim sozinho,  
mais solitário do que uma égua ou um boi,  
o meu futuro faz-se sem mistério,  
como passado a ser de um cemitério  
para quem vai sabendo que já foi.



A dor do humano é de uma dor que doa  
jamais imune à ideia que é etérea,  
no pensamento como um pão com broa  
apodrecendo dentro em vil matéria.  
E enquanto esta está presa e aquele voa,  
ela como matéria e ele em sua ideia,  
não há quem deles se apiede ou condoa,  
não há nem mesmo um Deus como plateia.  
Se o pensamento pelo eterno vem  
a quem só existe em si como um ninguém  
levando à inexistência o próprio ser,  
a eterna dor do humano na existência,  
é de uma ideia a ser de quem pense  
a sua carne já morta ao nascer.

Quis não ser povo como se eu não fosse  
das ruas todas me fazendo sobre elas  
deitar até mais só do que um pobre ouse  
a conhecer o chão com suas costelas.  
Para que em ruas seja eu povo ou, se  
não sendo povo, possa amá-lo nelas,  
acendo a luz que como estrela pouse  
nos filhos pobres dessas mães tão belas.  
E como se eu virasse para dentro  
de mim os pobres com as suas cruzes,  
para fazer-me chão ou o próprio centro  
dessa esperança a que tu me conduzes,  
a caminhar ainda mais adentro,  
em ti vislumbro, povo, eternas luzes.

Abre-me as portas, mãe, enquanto as estrelas  
buscam em mim agora a treva infinda,  
sem luz alguma no meu olhar a vê-las  
nessa cegueira a ser da altura vinda.  
Assim, mãe, invado tua noite, a sabê-las  
eternamente em pó na luz que é finda  
só para mim, que vou comigo pelas  
manhãs nascendo todas cegas ainda.  
Como fazê-las ser de novo vivas?  
Como, se nunca delas fui um conviva  
às vidas feitas festas para as vistas?  
Para arrancá-las da morte onde as pus,  
quero essa noite, ó mãe, roubada à luz  
do céu que, embora cega, tu conquistas.

Como se a culpa lhe fosse a existência,  
tem todo homem sua culpa já ao nascer  
de uma união que é fruto da indecência  
pela mulher trazida a um outro ser.  
Do chão mais frio quisera eu a inconsciência..  
Desse buraco atroz o não saber..  
Tudo é melhor, até mesmo a demência,  
do que saber-se para após morrer.  
Pior, contudo, é o fim como um insulto!  
É essa presença de arrastado vulto,  
entrando como quem cruel se enrola  
por fora e dentro até de qualquer dobra,  
todo em meu ser. E que, feito uma cobra,  
me envenena ao fim com Deus como esmola.